

Maísa Veloso

Teorias e Práticas “Modernistas” nas Disciplinas de Projeto

Resumo

O texto examina como a diversidade de conceitos e enfoques acerca do Movimento Moderno se rebate no desenvolvimento dos trabalhos nas disciplinas de projeto. A base principal desta leitura é a produção dos alunos de períodos mais avançados do curso de Arquitetura (em trabalho final de graduação principalmente). Demonstramos que, ao menos nos projetos analisados, persistem procedimentos e resoluções tipicamente modernos, só que ao produto final são algumas vezes acrescentados elementos (aditivos) inspirados nas correntes contemporâneas. Nos memoriais descritivos, no entanto, são praticamente inexistentes referências a conceitos ou métodos modernistas. E quando estes se fazem presentes, revelam a confusão e a fragilidade dos fundamentos teórico-metodológicos na prática do projeto. Essa dialética da permanência / ausência do moderno nos trabalhos acadêmicos, bem como suas possíveis razões, constituem o objeto desta discussão.

“Com este ‘pós’ querem os protagonistas se desfazer de um passado (...). Não é a primeira vez que a arquitetura moderna é dada como morta – e no entanto ela ainda vive”.

Juergen Habermas (1)

Introdução

A sobrevivência da arquitetura moderna, que resiste gloriosamente aos ataques de boa parte da crítica contemporânea, já tem sido demonstrada em alguns estudos. Na verdade, como também já vem sendo divulgado, esses ataques são sobretudo dirigidos a um determinado tipo de Modernismo difundido internacionalmente a partir da Segunda Guerra Mundial (2). Esse poder de permanência deriva não apenas da força expressiva de suas grandes obras (o arranha-céu que persiste, a monumental Brasília, são cenários vivos, e não objetos de um passado distante), mas também da transmissão de conhecimentos e experiências por parte das pessoas que viveram ou trabalharam sob a influência direta dos paradigmas modernistas. A superficialidade dos

argumentos e das propostas estéticas da maioria das correntes atuais também ajuda nesta resistência da arquitetura moderna. De forma mais ou menos consistente, pelo menos três gerações de arquitetos brasileiros formaram-se sob a égide do Modernismo. Hoje, muitos deles são professores das escolas de Arquitetura do país. E que tipo de Arquitetura está saindo destas escolas ? Apesar de todas as influências das correntes ditas pós-modernas que apoderam-se da mídia e de parte do cenário da cidade (menos por sua expressão quantitativa do que pelos recursos visuais que lhes caracterizam), o que prevalece na formação dos novos profissionais ? Uma das formas de avaliar esta questão é através da análise da produção dos alunos que estão saindo das escolas, pressupondo que esta seria a expressão mais ou menos fiel do que se ensina e se pratica no universo acadêmico. Não há, contudo, nenhuma garantia de que a arquitetura que os alunos fazem nos trabalhos finais de graduação, será exatamente aquela que praticarão no “mercado”, quando outras forças e influências estarão em cena. Mas este não deixa de ser um indicador significativo da formação que tiveram, com seus méritos e lacunas. Este trabalho procura demonstrar, em primeiro lugar, que os princípios da arquitetura moderna ainda dominam a prática projetual em duas instituições de ensino analisadas (3). Por outro lado, verificamos que esta produção estudantil de projetos é em geral destituída de uma fundamentação teórica e metodológica consistente, sendo o moderno ausente nos discursos que procuram justificá-la. A base principal dessa leitura são os projetos desenvolvidos por alunos de períodos mais avançados (entre 1989 e 1999), com seus respectivos memoriais descritivos e justificativos. Nestes últimos, especial atenção foi dispensada às partes denominadas “referencial teórico-conceitual e / ou metodológico” e “partido arquitetônico”. Vale salientar que nossa pesquisa não tem por objetivo avaliar o mérito ou a qualidade dos projetos em si, mas tão somente a questão da permanência / ausência do moderno e os possíveis motivos dessa relação ambivalente no universo investigado.

A produção acadêmica de projetos de arquitetura e a permanência do moderno

Na análise dos projetos dos alunos, o que observamos com mais frequência é o emprego de procedimentos e resoluções tipicamente modernas, só que ao produto final são algumas vezes acrescentados “aditivos” e “maquiagens” inspirados nas correntes contemporâneas. Estes acréscimos em geral resumem-se a um ou dois elementos de fachada (pórticos triangulares para marcação das entradas; por exemplo) ou a tratamentos epidérmicos, de superfície (variação de cores e texturas), que não ocultam, entretanto, as características modernistas do corpo do(s) edifício(s) projetados. Estas características são : primazia aos aspectos técnico-funcionais (ênfase no programa de necessidades e na racionalização da estrutura principalmente), setorização das atividades a serem desenvolvidas no interior do edifício (permanecem os zoneamentos, histogramas e matrizes de relações), modulação, uso freqüente de “grelhas” (à la Mies van der Rohe) e de outros elementos geométricos como princípios reguladores do projeto, o

que remete ao chamado “método normativo” presente nas obras de mestres modernistas como Le Corbusier e F.L. Wright, além do próprio Mies (Mahfuz, 1995 : 89-90). Estes aspectos são sobretudo observáveis nas soluções em planta (ver figura 01 no final do texto), ainda uma das primeiras e, com certeza, a principal preocupação nas resoluções dos projetos, mas também podem regular, como no caso dos sistemas geométricos e da modulação da estrutura, as composições de fachadas. Estas são na maioria dos casos a consequência das plantas interiores, apesar de alguns disfarces proporcionados pelas já mencionadas “maquiagens”. Predominam os volumes geométricos simples (prismáticos sobretudo), com lajes planas; as cobertas inclinadas são pouco exploradas. As linhas retas / horizontais são preferidas às linhas curvas / verticais. Observamos também uma certa uniformidade no tratamento de fachadas (simetria, em alguns casos), com elementos de composição que se repetem de forma mais ou menos regular (as aberturas principalmente). Os panos de vidro são ainda frequentes, apesar de todas as recomendações dos professores de conforto ambiental (muito raro há “brise-soleil”, beirais ou balanços que os protejam adequadamente). O concreto armado é ainda o material predileto nas soluções estruturais; poucos alunos arriscam-se no emprego de outros sistemas e materiais, como os de vetor-ativo (com estruturas metálicas, por exemplo), e quando os empregam, por exigência ou melhor adequação ao tema trabalhado, fica notória a dificuldade nas resoluções formais. Enfim, é absolutamente nítida a presença de princípios e elementos típicos da arquitetura moderna na grande maioria dos projetos analisados.

No que diz respeito à sobreposição ou “encaixe” de elementos inspirados nas tendências arquitetônicas atuais, o que se verifica sobretudo nos trabalhos mais recentes, podemos dizer que eles se apresentam como recursos tímidos e limitados, de natureza figurativa, e parecem ser utilizados apenas para dar uma imagem “diferente”, “nova” ou “atual” aos edifícios. O uso de cores primárias, por exemplo, é às vezes o único elemento de “distinção” proposto. Como já dizia Louis Kahn, “cor não é arquitetura” (4). Mas essa preocupação com o tratamento das superfícies já reflete a influência do chamado pós-modernismo e de seus recursos imagéticos que pretendem exprimir “a estética da diversidade” (Harvey, 1992 : 76). Ela não expressa, entretanto, nenhuma mudança fundamental nos modos de projetar e nas características predominantes dos objetos arquitetônicos propostos nestas escolas nos últimos dez anos (ver figuras em anexo). Como não poderia deixar de ser, esses elementos contemporâneos utilizados por alguns alunos provêm principalmente de referências visuais : revistas de arquitetura, filmes, e, sobretudo, dos principais espaços de vivência cotidiana, edificações que se “distinguem” na paisagem urbana, como os novos “shoppings”, “flats”, etc. Não há muita preocupação teórica-conceitual, nem metodológica, quanto ao emprego destes recursos. Muito menos ainda quanto à sua superposição ao corpo do edifício, que é moderno. Quando existem, as explicações são superficiais como as soluções empregadas. É o que veremos a seguir.

O problema : Os discursos justificativos dos projetos e a omissão do moderno

Se o moderno persiste na essência das soluções arquitetônicas adotadas, nos textos dos memoriais que visam justificá-las, ele é praticamente ausente. Quase não existem referências diretas a conceitos ou métodos modernistas. Para que se tenha uma idéia, as palavras “moderno”, “modernização”, “modernidade” ou “modernismo” só foram encontradas em cinco dos trabalhos analisados nesta pesquisa, e aparecem quase em todos como referências periféricas. Ainda assim, nestes poucos exemplos, observa-se confusão no emprego dos conceitos relativos ao Modernismo. Tomemos um exemplo ilustrativo deste fato. No memorial justificativo de uma proposta de “flat service” (ano de 1989), o aluno cita Le Corbusier em sua clássica definição da “Máquina de Morar”, considerada como “exemplo típico da Habitação Moderna” e entendida como “a casa ampla, ajardinada, bela em seu conforto ambiental”. Mais adiante no texto, o autor do projeto lamenta não mais ser possível morar desta forma nos tempos atuais (entende-se, numa casa unifamiliar, ampla e ajardinada...), sugerindo o “flat” como “a nova forma de residência moderna ou o ‘PÓS EDIFÍCIO MULTIFAMILIAR’ (*sic.*, grifo do autor). Ressalta as vantagens de morar em tal tipo de edifício, os serviços que ele congrega, sua importância como “habitação de apoio” para pessoas que residem no interior de seu estado e que vêm à capital para fins de estudo ou negócios principalmente. Não faz, todavia, nenhuma referência ao conceito de Unidade de Habitação de Le Corbusier, que inspira, ao menos em parte, a concepção atual de “flat”. A resolução formal que ele propõe nada tem de “pós-edifício moderno”; ela segue claramente alguns princípios modernistas. Na parte referente ao partido arquitetônico adotado, o aluno diz que “o projeto segue uma linha mestra no eixo leste-oeste. Como característica marcante do partido foi considerado um jogo de volumes superpostos, definindo uma forma plástica interessante” (ver figura 02). “Partido” confunde-se, neste caso, mas também em outros, com a descrição do produto final acabado (5). De uma maneira geral, os referenciais teóricos não passam de revisões bibliográficas do tema trabalhado ou de descrições de casos estudados. Este tipo de desorientação não é uma constante, mas a fragilidade dos argumentos e a confusão dos conceitos se verificam em bom número dos textos.

Em outros trabalhos, onde não há referências explícitas ao moderno, as descrições das propostas revelam por toda parte sua presença oculta : “A concepção é presidida pelos conceitos de racionalidade e equilíbrio”; “A modulação da estrutura e das paredes facilita a execução e barateia os custos...”, “A funcionalidade do edifício foi a preocupação principal, mas sua concepção estética não foi desprezada”, “A homogeneidade da linguagem arquitetônica adotada, a simplicidade de seus volumes, a força de suas linhas retas...”. Quando analisadas assim separadamente, essas afirmações poderiam estar na boca de qualquer adepto do Movimento Moderno. O problema maior dos textos é a falta de articulação desses elementos (entre si e em

relação ao que eles pretendem explicar), havendo em alguns casos uma verdadeira mistura de citações bibliográficas e frases feitas.

Os poucos trabalhos que se pretendem “pós-modernos”, em todas as suas acepções (“regionalistas/contextualistas”, “historicistas”, etc.), também carecem de clareza conceitual e metodológica. Vale salientar que dois trabalhos com intenções deconstrutivistas mostraram-se um pouco melhor fundamentados, mas, ainda assim, neles não encontramos nenhuma referência a uma possível continuidade dessa corrente contemporânea com o Modernismo (ao menos quanto à sua dívida para com o construtivismo soviético). Em uma das propostas “assumidamente pós-modernas”, o autor, no capítulo intitulado “Por uma arquitetura para um novo milênio”, dá um passeio histórico através “dos movimentos arquitetônicos que caracterizaram este século, enfatizando a crise do Movimento Moderno e o nascimento do Pós-Modernismo”. Faz uma série de citações desconexas que começam com Ariano Suassuna, passando por Habermas, Benevolo, Venturi, Aldo Rossi, até chegar a Ramón Gutiérrez e Gilberto Freyre para justificar sua opção pelo “regionalismo crítico” e sua “tendência contextualista como partido para o projeto”. Este, na verdade, é um esforço de adequar técnicas construtivas (taipa de pilão e pau-a-pique) e elementos da cultura popular da região onde trabalha a uma linguagem arquitetônica contemporânea. O tema do projeto é uma capela na zona rural de um pequeno município (conforme ilustrado nas figuras 03 e 04). Para proteger as paredes de taipa, ele recorre a revestimentos externos em azulejo e casquilhos cerâmico, criando “em efeito textural muito forte”, e também maquiando o sistema construtivo que quer resgatar. Além disso as cores escolhidas são fortes, contrastando com os materiais regionais utilizados, como por exemplo, os troncos de carnaúba (coqueiro nativo) para sustentação das paredes de vedação e da cobertura (em madeira e telha cerâmica), ocultas na fachada principal pela platibanda.

As limitações impostas pela natureza desta comunicação impedem-nos de detalhar outros exemplos ilustrativos do problema que queremos destacar. Como dissemos, não está aqui em julgamento a qualidade das soluções arquitetônicas adotadas (muitas são de boa qualidade; algumas, de nível elevado, chegaram a ser premiadas ou muito bem classificadas em concursos nacionais e regionais). O que essa leitura dos textos dos alunos nos revela, além da omissão (intencional ou não) dos conceitos e métodos do Modernismo que, no entanto, inspiram suas definições projetuais, é a fragilidade e a confusão das argumentações que se destinam a justificar os projetos desenvolvidos. As dificuldades neste campo são evidentes. A idéia mais comum na área de projeto de arquitetura é que “o projeto fala por si mesmo”, não sendo portanto necessárias maiores preocupações com teoria. Contudo, memoriais ou textos justificativos são sempre exigidos, e o casamento entre eles e o conteúdo dos projetos é quase sempre problemático. Essas observações confirmam o que já denunciava o professor Carlos Comas, em meados da década de 80 : “a desorientação conceitual e metodológica que vem caracterizando no país o ensino do projeto arquitetônico em ateliê” (1986 : 35).

Como explicar esta incongruência ? Não são os conceitos e métodos trabalhados e exemplificados nas disciplinas de teoria e história ? Qual a dificuldade então de transposição desses elementos para o atelier de projeto, em especial no que diz respeito ao Modernismo ? Não é o atelier o espaço da síntese onde se exercitam os conhecimentos adquiridos nas diferentes áreas do curso, como sugere Silva (1986:25) ?. É problema de confusão de conteúdos, de método de ensino ou dos vícios e ambigüidades da formação modernista da maioria dos docentes ? Essas indagações envolvem uma série de aspectos, que extrapolam os objetivos propostos para discussão neste Seminário. Suas respostas ainda não estão totalmente resolvidas. Mas podemos sugerir algumas pistas.

As possíveis razões do problema – alguns elementos para discussão:

Quanto à permanência do moderno na produção dos projetos acadêmicos, acreditamos que ela se deve principalmente à influência direta dos professores responsáveis pelas disciplinas de projeto que são, em sua maioria, de formação e de prática profissional reconhecidamente modernistas. Sugerimos também a possibilidade da influência (em menor grau) dos conteúdos trabalhados nas disciplinas de teoria e história referentes à arquitetura moderna, cujos método e linguagem são, ao menos em tese, mais conhecidos e mais legíveis / simplificados na percepção dos alunos. A produção altamente diversificada das correntes mais recentes é de compreensão mais difícil. Por outro lado, a tentativa de mascaramento do edifício de características essencialmente modernas, com o emprego de elementos superficiais (como cores e texturas), expressa a necessidade de alguns alunos em acompanhar os modismos das propostas estéticas atuais, em seu formalismo epidérmico na busca da “distinção” e da “identidade” do edifício. A omissão do moderno nos textos justificativos reflete nestes casos essa necessidade. Em outros, ele é indicativa da dificuldade em exprimir com clareza os princípios que fundamentam suas soluções projetuais, o que remete a uma questão maior, e que acreditamos estar na base das demais, que é a do ensino do projeto nas escolas de Arquitetura e do perfil dos profissionais que são por ele responsáveis (“modernos” por natureza?). O desenvolvimento desta pesquisa e de outras correlatas em outros centros de ensino do país poderá fornecer bases mais consistentes para as generalizações. O que é certo, para retomar Habermas, é que a arquitetura moderna ainda vive, tanto dentro como fora das escolas.

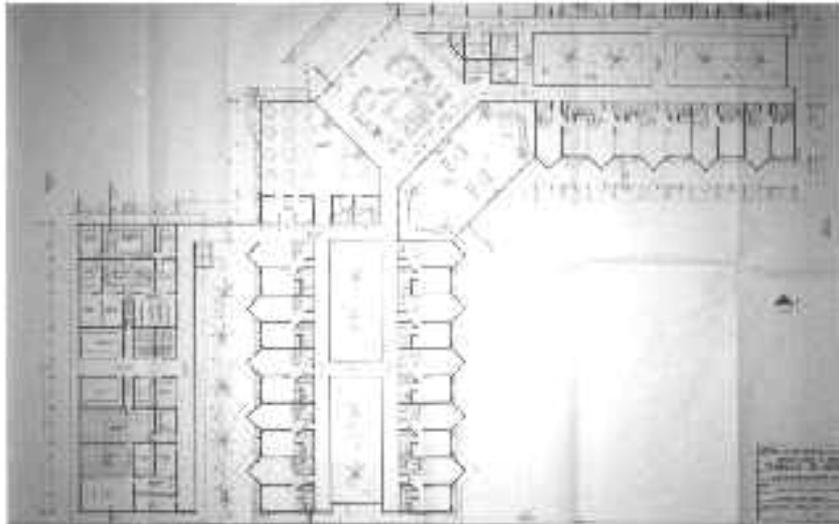


Figura 01 : Planta baixa de um projeto com soluções tipicamente modernas

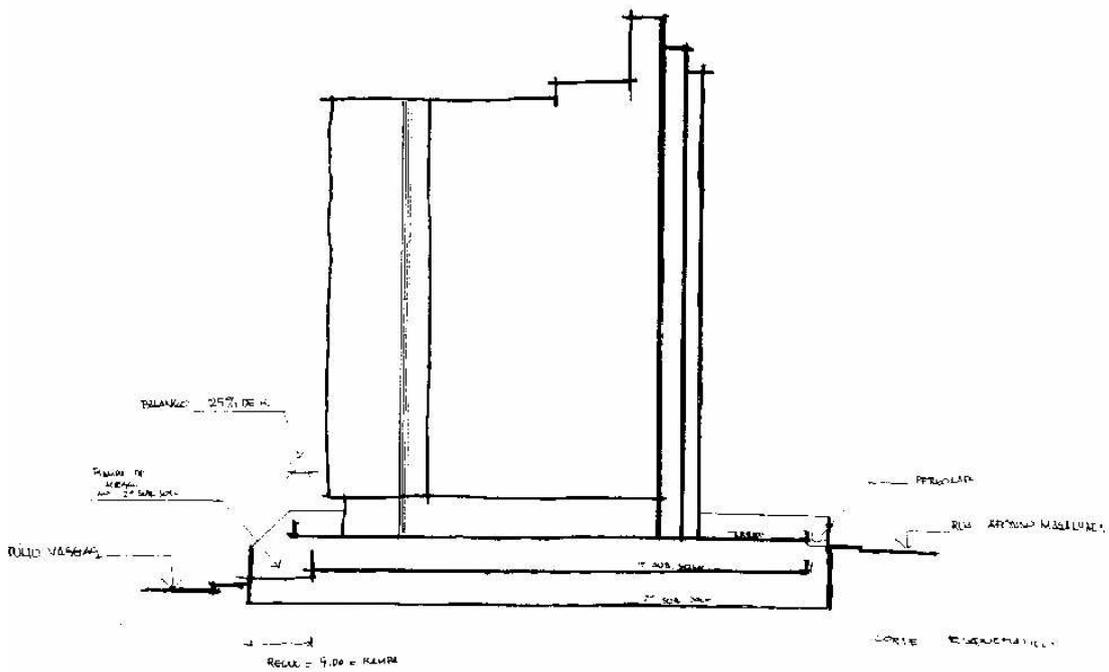


Figura 02 : Croquis de um edifício “pós habitação moderna”

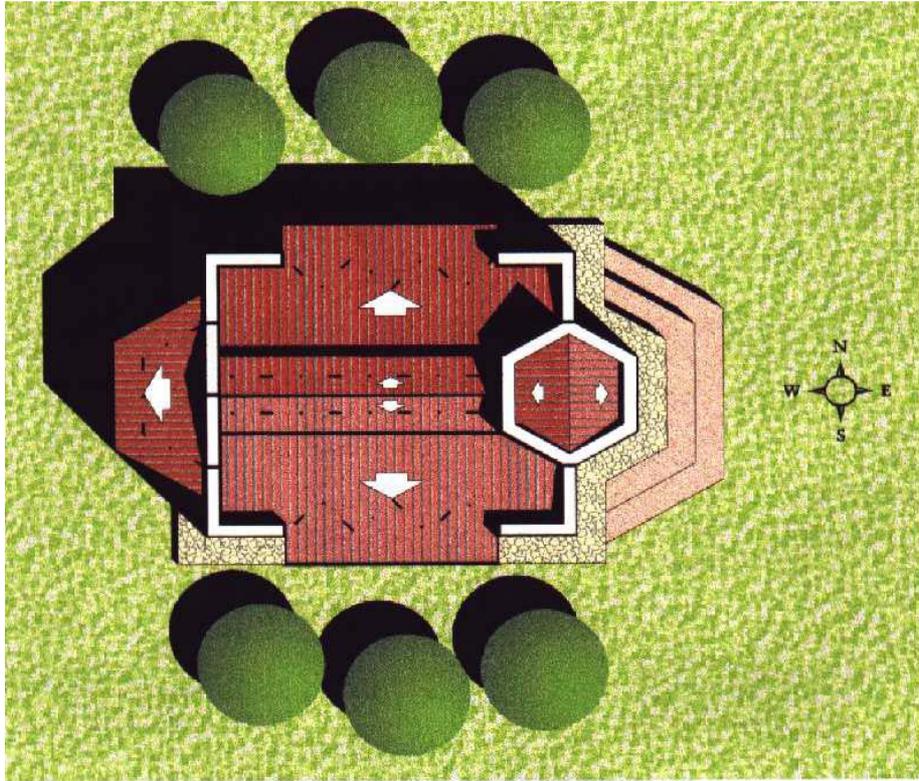


Figura 03 : Implantação de uma capela em zona rural do Rio Grande do Norte

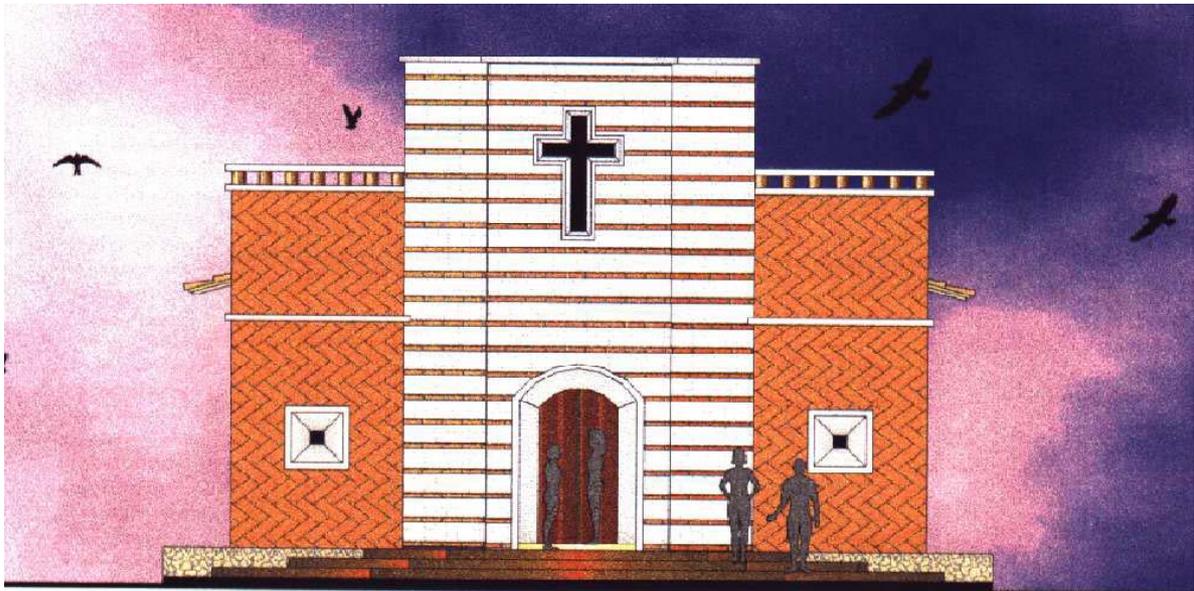


Figura 04 : Elevação da capela, com seus efeitos de cores e texturas (intenções contextualistas)

Referências Bibliográficas

- Comas, C.E. Ideologia modernista e ensino do projeto arquitetônico : duas proposições em conflito. In Comas, C.E. (org.). *Projeto Arquitetônico – disciplina em crise, disciplina em renovação*. Brasília : Projeto Editores/CNPq, 1986.
- Frampton, K. *História crítica da Arquitetura Moderna*. São Paulo : Editora Martins Fontes, 1997.
- Habermas, J. Arquitetura Moderna e pós-Moderna. In *Novos Estudos CEBRAP*, n.18,1987.
- Harvey, D. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo : Edições Loyola, 1992.
- Mahfuz, E. *Ensaio sobre a razão compositiva*. Belo Horizonte : UFV/AP, 1995.
- Silva, E. Sobre a renovação do conceito de projeto arquitetônico e sua didática. In Comas, C.E. (org.). *Projeto Arquitetônico – disciplina em crise, disciplina em renovação*. Brasília : Projeto Editores/CNPq, 1986.
- Maisa Veloso, Arquiteta Urbanista, Doutora pela Universidade de Sorbonne (França), é Professora de Projeto no Departamento de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Endereço

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Tecnologia – Departamento de Arquitetura
Campus Universitário – Natal/RN CEP: 59072-900
Telefone (84) 2153721 Fax: (84) 2153703; e-mail : mavel@ufrnet.br

Notas

- ¹ Habermas, 1987:33-34
- ² A partir dos anos 60, inúmeras críticas são dirigidas ao chamado “estilo internacional” e ao urbanismo devastador do II Pós-Guerra, impulsionados pela urgência da reconstrução das cidades e pela ânsia de expansão do capital imobiliário. As principais acusações eram a falta de humanismo e de respeito às identidades culturais, e a degradação visual e ambiental que causavam nas grandes cidades principalmente.
- ³ Na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Pernambuco (FAUPE) e no Departamento de Arquitetura da Universidade do Rio Grande do Norte. A pesquisa, ainda em andamento, contemplou até aqui 45 Trabalhos de Graduação na área de projeto, entre os anos de 1989 e 1999 (primeiro semestre). Em doze destes, acompanhamos desde o início todo o processo de elaboração, como professora orientadora. Nos restantes, só analisamos os produtos finais acabados (projetos e respectivos textos descritivos).
- ⁴ Louis Kahn a respeito de uma proposta de Venturi para a “legenda” do Bicentenário da Filadélfia. Citado por Frampton (1997:371).
- ⁵ Na definição de Comas, partido é “o conjunto de especificações formais básicas da solução de um problema de projeto”(1986:34). É a concepção geral (os princípios básicos), mas não a forma acabada.